REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
NÚMERO 51
OUTUBRO DE 2022
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



escrita performativa ACADÊMICA

REFLEXOS ATRAVÉS DA TELA: O ENCONTRO E A ESCRITA PERFORMATIVA NO LABORATÓRIO PARA CRIAÇÃO DAS MONSTRAS

Daniela Mara Reis da Silveira

Resumo: A criação do laboratório das monstras compõe o processo de investigação sobre a escrita performativa, ministrada no Laboratório de Escrita Performativa (2021). Dessa forma, investigamos a escrita performativa ao escutar nossos encontros e costurando percepções e movimentos no texto. No decorrer deste artigo, minha proposta aborda a escrita e a dança, através das imagens que movimentaram memórias dos nossos encontros. Por meio da criação do procedimento, escritatória, refletirei sobre este experimento em diálogo com Carol Hanisch (1969), Denison Baniwa (2019), Leda Maria Martins (2003) e Suely Rolnik (2018).

Palavras-chaves: Escrita performativa acadêmica. Criação. Subjetividades. Memória e experiência.

REFLECTIONS THROUGH THE SCREEN: THE ENCOUNTER AND THE PERFORMATIVE WRITING IN THE LABORATORY FOR THE CREATION OF THE MONSTRAS

Abstract: The creation of the monstras laboratory is compose of the research process on performative writing, minister at the Performative Writing Laboratory (2021). In this way, we investigate performative writing, listening to our encounters and to sew our perceptions and moviment at text. In the course of this article, my proposal approaches the writing and dance, through the images that moved memories of our meetings. By creating the procedure *escritátoria*, I will reflect on this experiment in dialogue with Carol Hanisch (1969), Denilson Baniwa (2019), Leda Maria Martins (2003) and Suely Rolnik (2018).

Keywords: Academic performative writing. Creation. Subjecti. Memory and experience.

Ouro Preto, dezenove de abril de 2022

Aos meus futuros leitores,

Reflexos através da tela: o encontro e a escrita performativa no laboratório para criação das monstras.

Reflection to cross the screen: the encounter with the performative writing at laboratory for creating monsters.

Laboratório de Criação das Monstras

Laboratório de Criação das Monstras

Caminho para frente, sinto meus pés na terra molhada. Aos poucos minha mão levanta ao céu, opondo-se à outra que se apoia no chão. Respiro fundo... Giro meus braços para baixo. Ali, deito com o coração na terra, Respiro fundo... sentindo a costura deste processo com vocês sobre um encontro que aconteceu há um tempo atrás, quando o trauma e a morte era a atmosfera nacional. Lembra?

Eu não deixo de pensar, é um abismo muito grande.

Eu não deixo de pensar, é um abismo muito grande.

Já parou para refletir que talvez você e eu, não estaríamos mais aqui. **Eu não consegui parar para elaborar.** Caminho para frente, costuro essa criação textual sobre o movimento de rasgar o verbo entalado, no desejo de dançar entre a escrita e a memória. A dança é um convite para você realizar alguns momentos de pausas durante este texto, e distanciar-se um pouco para uma reflexão interna das reverberações nas imagens em você. Você aceitaria esta proposta? No decorrer do texto pedirei para que respire fundo, para que pause a leitura, e elabore a escrita com o teu corpo em movimento. Esse convite desdobra do desejo em dançar junto com as mulheres que conheci durante a investigação da escrita performativa. O encontro no Laboratório de Escrita Performativa aconteceu de junho a agosto de 2021 com professores, estudantes, artistas e performers. Durante nossos encontros, nos subdividimos em grupos para a

investigação da elaboração deste procedimento da escrita performativa acadêmica. Nos reunimos e compartilhamos nossas experiências artísticas. Ali, fomos provocadas com a imagem do Laboratório para criação das Monstras[1], com as artistas **Eliza Pratavieira**, **Daniela Mara**, **Bárbara Paul** e **Luiza Kons**.

Tenho a impressão que a costura das vozes destas artistas na composição dessa escrita performou desejos de outras formas de ser poesia, mulher, inquietação, dança, escrita performou desejos de outras formas de ser poesia cotidiano e voz. Talvez. Talvez assim. Talvez aqui. Talvez para mim, estas reflexões reverberam possibilidade de experienciar a memória, corpo e movimento. A partir de Leda Maria Martins[2], Carol Hanisch[3], Denilson Baniwa[4] e Suely Rolnik[5] buscarei a tentativa de conceitualização destas rupturas sobre o que denominamos de conhecimento, e em como podemos pesquisar a grafia do corpo em outros lugares possíveis de conhecimento, por exemplo, as rodas de conversas. Para essa questão, o conceito do pessoal é político por Carol Hanisch[6] auxiliará a compreender as dimensões coletivas sobre a subjetividade através dos marcadores sociais de gênero.

Ao investigar as costuras possíveis destas rodas de conversas, procurei exercer através da escuta sobre o que seria a criação deste Laboratório das Monstras, como processo de perfurar as possibilidades em diálogo com as reflexões sobre esta tela. Fico pensando sobre isso. Pensando sobre o meu desejo reflexões sobre esta tela de analisar nossos encontros como uma roda das monstruosidades, trocas sobre frustações ou como causamos fissuras na construção desta sociedade patriarcal e homogênea. Acho que este desejo, *To be or not To be. It's the question*[7], o desejo de ser monstra é quase terapêutico, *To be or not To be. It's the question.* como um exercício para enfrentar o medo, esse maldito complexo de édipo mal resolvido da nossa sociedade. Era um pouco sobre isso... **A gente podia ser bem despretensiosa nesse**

[1] Imagem provocada pela Eliza Pratavieira.
[2] 2003
[3] 1969
[4] apud DINATO, 2019
[5] 2018
[6] 1969. O conceito de pessoal é político veem sendo reelaborado por outras pesquisadoras feministas, como no caso da bell hooks em Teoria Feminista: da margem ao centro (2019) que problematiza essa questão através do recorte da raça, sendo que é necessário buscar no sujeito de ação, suas opressões vivenciadas. Nesse sentido, o pessoal é político também poderia reforçar uma lógica neoliberal para conquistas individuais e a conservação dos poderes da desigualdade social. Por exemplo, quantas mulheres ganham quando Coco Chanel é eleita uma das mulheres mais revolucionárias da história da moda? Ela possuía empregadas domésticas? Continuava o processo exploratório no trabalho? Para esta publicação nos manteremos nesse primeiro estágio dos meus estudos, sobre aa relação pessoal é político, sendo necessário futuras revisões e problematizações do mesmo.
[7] *To be or not To be. It's the question* referência a clássica frase do teatro elisabetano, Hamlet de Willian Shakespeare (2000). Disponível em < https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hamlet.pdf> Acesso: 10 de out. de 2022.

tempo. Compartilhamos palavras, carnes e verbos sobre as nossas histórias em constante trânsitos. Somos artistas e professoras que investigamos a dança, fotografia, educação, performance e literatura. Nestes encontros trocamos possibilidades de estudos sobre a respiração e a nossa potência de vida. Como está a sua respiração agora? **Fiz um improviso hoje de manhã que estou chamando de investigação das estruturas de contenção. Pego alguma coisa que me machuca e vou lá mexer.** Vamos respirar juntas? Escolha uma música da sua preferência e respire fundo... Inspire, e expire fundo...

Respire fundo.

Mais uma vez, respire mais fundo.

Prenda a respiração e solte novamente.

Respire fundo e segura o ar por alguns segundos.

Imagine guelras saindo de seu pescoço.

Imagine guelras saindo de seu pescoço.

E expire.

Imagine guelras em todo seu corpo.

Continue respirando, atenção!

Sinta suas guelras dançarem e respire.

Sinta esse momento.

Volte aos poucos à sua leitura.

Com a ativação das suas guelras, adentraremos aos poucos, nesta experiência entre dança e escrita. Você está consciente da sua respiração? O ar que

entre a escrita e a dança

compartilhamos é sempre o mesmo e sempre diferente. O ar de cada lugar do Sudeste e do Sul foram compartilhados nas materializações do pensamento através de salas virtuais para o Laboratório de Criação das Monstras. Nestes encontros estavam presentes as artistas: **Luiza Kons** que é doutoranda em história, mestre em artes pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), no ano de 2021 e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2017. **Bárbara Paul,** mestranda na linha de processos artísticos contemporâneos pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Londrina (2016). A **Eliza Pratavieira** é

estudante da graduação em Dança na Universidade Estadual do Paraná e Mestra em Artes pela mesma instituição, e graduada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (2010); e **Daniela Mara**, a autora deste texto que atualmente reside em Ouro Preto. No decorrer deste texto, minha proposta é provocar entre a escrita e a dança, as imagens que movimentaram as memórias dos nossos encontros.

A dança e a escrita: primeiro experimento.

A dança pode apresentar caminhos para a observação da subjetividade ao compreendermos as potências e autonomias do nosso movimento, quando escolhemos as possibilidades de escrever a nossa ação em dança. Dançar nesta escrita é uma forma de movimentar com estas artistas, em minha memória. Nesse sentido, a dança será a condução desse processo reflexivo sobre os encontros que realizei com essas mulheres e artistas, através das provocações no Laboratório de Escrita Performativa com a orientação das pesquisadoras Inês Saber, Jussara Belchior, Luane Pedroso e Franciele Aguiar do Coletivo de Escrita Performativa[8] que começou em junho de 2021. Nos aproximamos de propostas performativas para a escrita, com criações de receitas, restrições ao uso de adjetivos, apresentação de si e da pesquisa, provocações com jogos de escrita e a proposta da criação de um procedimento para o texto. No decorrer da investigação é possível a observação os vestígios nas materialidades e suas relações experienciadas aqui.

Portanto, a proposta desta experiência é dançar as performances do cotidiano[9], através das ações ordinárias, buscar um lócus de compreensão das falas que são costuradas neste artigo, entre o *pessoal e político*[10], como fricções das memórias sobre nossos encontros. Para Carol Hanisch[11], a dimensão do pessoal é político compreende as percepções sobre o gênero que são marcadas nas relações sociais. É compreender também, que em círculos de conversa sobre política, as questões da subjetividade atravessam os sujeitos em questão, e por isso é político. Se o gênero marca o corpo, dançar este corpo, demanda uma carga de monstruosidade, no intuito de questionar o que esperam ou condicionam a este corpo. Nesse sentido, para a leitura deste texto,

[8] Integrantes do coletivo Escritas Performativas. Artistas e pesquisadoras em doutorado na Universidade Estadual de Santa Catarina - UDESC.
[9] MARTINS, 2003
[10] HANISCH, 1969
[11] 1969

te convido a dançar a monstruosidade que sublimam a investigação desta escrita. Através de reflexos das subjetividades coletivas, refletirei sobre as camadas do inconsciente com a pesquisadora Suely Rolnik[12], e sua investigação sobre as formas de ação que o sistema capitalista reformula seus ataques, ao produzir desejos e vender a nossa subjetividade nas liquidações. Segundo Rolnik[13] a "experiência como sujeito, prevalece uma micropolítica reativa: tende a impor-se em maior ou menor escala o movimento de conservação das formas de existência"[14]. Neste sentido, a noção de pertencimento se torna o que o sistema capitalista dita, numa devastação da pulsão criativa da vida.

Ao provocar a monstruosidade em nossa subjetividade, este grupo de mulheres, buscamos na ação ordinária da conversa, encontrar outros sentidos para subverter a estrutura consolida em nossa vida. Observando nas escritas da pesquisadora Leda Maria Martins[15], a reiteração do gesto corporal na produção de uma outra grafia, um outro conhecimento, diferentes dos conhecimentos conservados nos museus e/ou nas enciclopédias, essa questão me aproxima dos procedimentos desta escrita sobre o cotidiano, experienciada neste procedimento de escrita. **É meio deriva. Pensei em tantas coisas. Tentando descobrir como dançar nesses espaços**. E você? Dançaria comigo?

É meio deriva. Pensei em tantas coisas.

A cada passo em direção a esta monstruosidade refletiremos juntas nesse mover das memórias, levantando o corpo ou o direcionando ao chão. Sugiro que continue a leitura num espaço onde possibilite sua movimentação e, dê preferência aos espaços que seja possível ouvir músicas durante esta experimentação. Haverá qr codes com acesso a propostas de músicas, e farei algumas conduções na dança. Sinta livre para escutar o movimento que seu corpo deseja. Você dançaria este experimento? Aponte seu celular para este qr codes e, sinta a música. Comece com a respiração abundante, com suas guelras ativadas e siga as conduções:

Você dançaria este experimento?

Respire fundo.

[12] 2018
[13] 2018
[14] Rolnik, 2018, p.113
[15] 2003

Mais uma vez.

Respire mais fundo.

Prenda a respiração e solte novamente.

Respire fundo e segura o ar por alguns segundos.

Imagine guelras saindo de seu pescoço.

E expire.

Imagine guelras em todo seu corpo.

Seus pés crescem rapidamente e espalham pelo chão como imensas raízes.

Sinta sua cabeça e seu pé.

Levante!

Caminhe para frente.

Imagine que seus pés encostam numa terra molhada.

Respire fundo.

Sinta seu corpo.

Aos poucos levantaremos uma mão ao céu.

A outra mão fará o movimento oposto apoiando-se no chão.

Respiramos fundo...

Giramos os braços na direção da terra.

Ali, deitamos com o coração sentido o chão.

Sentimos que nas costas brotam asas grandes e deformadas, feitas de aço.

Sinta suas asas. Sinta seu peso.

Imagine suas asas sendo corroídas por ácido.

Sinta esse peso nas suas costas.
Sinta esse peso nas suas costas.

Sinta seu pé e sua cabeça.

Deite!

Continue com essa imagem.

Você poderia dançar o que imagina?

Em silêncio, sinta o peso das asas nas suas costas e encoste na terra.

Feche os olhos.

Experimente essa dança.

Leve o tempo que for preciso.

É possível?

Faça esse exercício durante o tempo desta música.

Respire.

Como foi dançar um peso nas suas costas? **Eles não conseguem ver o meu corpo dançando na escola. Todos que estavam no entorno começaram a rir.** Quantas vezes, você já sentiu algo estranhamente comum te acompanhar? Acesse esta música e continue em sua experimentação. Dance o peso das suas costas.



Você a sente?

Inspire e expire lentamente.

Repita esse processo.

Inspire e expire lentamente.

Ainda pulsa um movimento, inspire, expire e inspire.

Dança comigo?

Observe a sensação das circularidades do seu corpo.

Observe seus olhos, boca, ouvidos.

Inspire e expire.

Sinta seu quadril, sua coluna.

Inspire e expire.

Observe os seus pés.

Você sente a terra?

Você escuta a terra?

Você escuta a terra?

Esse movimento pode ser investigado, experimente!

Sugiro começar pelos olhos.

Observe a sua volta.

Sinta o peso da cabeça.

Desenhe círculos com a cabeça.

Desenhe bem devagar e bem rápido.

Observe a vertigem.

Observe a vertigem.

Observe essa sensação de desequilíbrio.

Sinta sua bacia em relação com sua cabeça.

Sinta a reverberação dos movimentos na pausa.

Desenhe círculos pequenos, varie o tamanho, varie o ritmo, varie a intensidade.

Sinta a vertigem. Sinta o desequilíbrio.

Respire e observe seu corpo, seu espaço, seus pensamentos.

Qual o momento é anterior ao movimento?

Podemos desenhar círculos por todo o corpo, por todo o espaço.

Experimente.

Aos poucos diminua a intensidade dos movimentos,

E volte à leitura do texto.

Ao experimentar os círculos na cabeça e na bacia sinta o espaço entre as suas memórias, a comunicação com o passado, com a sua ancestralidade. **Há esse outro lugar, uma cultura que se reconstrói, pensando sua identidade, fortalecendo os seus signos...** Atravessada por essa carne, observo o trânsito enquanto se cria e

cocria, corpo em sua dimensão física, imagética e social. **Escreve e dança, dança escrevendo, traz o corpo.** Escreve e dança, dança escrevendo, traz o corpo.

As narrativas de si, adentram no verbo, queimam a terra na agressividade do gesto ou ardem na carne, como o silêncio. Através de inúmeras verdades e crenças condicionadas ao nosso corpo, por vezes, não enxergamos a potência da nossa monstruosidade. **Elaborar é um trabalho. Quando é difícil elaborar o não e você elabora e a pessoa não respeita. Há sempre uma explosão. Fiquei feliz porque não falei um sim compulsório. Cada dia um... E vamos! Estou aprendendo sobre limites agora adulta. Fui educada para dizer sim. Sim. Sim. Sim. Sim. Sim.** Iniciamos um processo de escutar as gravações das nossas conversas. Devorei nossas falas neste processo antropofágico no exercício da alteridade. Nos propomos a escutar uma as outras, a gravar nossos encontros e a experimentar as falas em texto, dos nossos processos artísticos e pessoais. As imagens destas monstras acentuam reflexo ambíguo na criação de algo que dança. Quatro mulheres. Estou entre uma delas. O que é essa monstruosidade para você? Você consegue ver as escamas do seu corpo trocar de pele? ambíguo na criação de algo que dança.

Escritatória: segundo experimento.

Escritatória: segundo experimento.

Os reflexos sobrepostos neste texto são fragmentos dos momentos que aconteceram a quase um ano atrás, vivíamos a pandemia de covid-19 no país, vivíamos experimentos macabros no solo amazônico com aplicativos e supostos remédios para cura da pandemia. Através da tela, eu procurei espaços de convívios e criações artísticas. Procurei na criação desta monstra, reflexos para escrever sobre a injustiça dada ao gênero. Procurei me manter viva. A pandemia ainda não acabou, a compra das vacinas foi investigada por desvios de verbas e estou aqui, me provocando a adentrar nesse mergulho entre a carne e o verbo: uma relação dual que emerge na contradição do pensamento e da materialidade. Entre a imagem e a memória, uma possível dança me inquieta. **Nos movimentos que deveriam ser o nosso lugar de respiro e de segurança, ainda há gente muito opressora. Não tem para onde ir.** É possível dançar para as nossas monstras subjetividades? Escrevo para fugir da coerência. **Essa coisa de achar que só o discurso supre todas as coisas.** Escrevo para fugir da coerência. uma possível dança me inquieta. Procurei me manter viva.

A partir do exercício das receitas para escritas performativas, procurei meus ingredientes em casa, e no Laboratório das Monstras, devorei outros olhares em nossa troca de saberes. Como **um olhar antropofágico, desse ritual que celebra a diversidade, porque até a presença do inimigo é importante, porque sem inimigo não teria este ritual**. Vasculhamos em nossa casa possíveis texturas textuais. Encontramos revistas de moda e costura, vinhos, escuta e semelhanças. Devorei as percepções gráficas sobre esse corpo coletivo, como um lugar de inscrição da memória[16]. Para Leda Maria Martins[17] este lugar da parte da noção corporal do conhecimento, o qual, reitera histórias de resistências diante aos inúmeros ataques coloniais, para os povos indígenas e africanos. É no gesto corporal que encontramos as histórias que não estão nos museus ou nas grafias impressas da verdade ocidentais. Nesse sentido, Leda Maria Martins[18] investiga nas performances rituais do Congado, como exemplo deste processo de reiteração de uma outra história vinda de África. Ao dançam a história dos guardas do Congo que retiraram a Santa Aparecida das águas com a força de seu canto, a celebração do Congado inscreve na memória, na grafia do corpo e voz, a escuta de uma outra história. **Na verdade, eu escrevi sem ter escutado**.

a escuta de uma outra história

Dando continuidade a este processo de investigar e vasculhar possíveis procedimentos, lembrei do exercício que experienciei junto a **Eliza Pratavieira** no LAB CORPO PALAVRA, em março de 2021, provocado pela artista e professora Aline Bernardi (RJ). Essa prática consiste em escutar ativamente a fala dos participantes, durante o exercício de apresentação de si, e simultaneamente anotar as palavras que nos atravessaram, ou as palavras o que nos aproximaram uns dos outros. O exercício se chama escutátoria, segundo a Aline Bernardi, o nome é um empréstimo das reflexões do escritor Rubens Alves, sobre a prática de escutar[19]. Ao escutar nossas vozes e experiências compartilhadas, encontrei semelhanças nas injustiças sociais vivenciadas, seja pelas questões de gênero e seja pelas questões de classe. Por que é tão comum ao gênero, processos pessoais que são políticos e sociais? **Há coisas que são levadas no plano do discurso, mas eu particularmente, às vezes, penso que a gente também tem que levar em considerações as ações das pessoas...** Nossas histórias expunham momentos de dúvidas, dores, situações vexatórias, injustiças e confusões

[16] MARTINS, 2003.
[17] 2003
[18] 2003
[19] Disponível em: https://www.inf.ufpr.br/urban/2019-1_205_e_220/205e220_Ler_ver_para_complementar/RubemAlves_Escutat%C3%B3ria.pdf Acesso em: 15 de out. de 2021 às 19:28).

nas múltiplas falas, seja nas suas pulsões de vida, ou seja, nas pulsões de morte em nossa memória. Falas que são atravessadas das vivências de uma sociedade patriarcal. Um movimento que a ativista Carol Hanisch[20] convoca para a nossa observação sobre esse lado pessoal da vida, também como um movimento político. **Me incomoda muito isso também, Luiza... Eu boto fé nisso sim. Isso tem me incomodado um pouco nesses discursos políticos. Eu fico incomoda de achar que só o discurso supre. Só o discurso não supre não, cara... tem mais coisas.** Ao compartilhar através da tela nossos anseios, identificamos no processo da escrita, semelhanças com o exercício da *escutatória*, porém em suas particularidades, compreendemos outro procedimento de escrita: a escritatória.

A escritatória[21] é um procedimento de escrita, vivenciado pelo Laboratório das Monstras que investiga na fala livre, possibilidades para construções textuais. Nesse sentido, o processo experienciou a fluidez das conversas realizadas nas plataformas de videoconferências, como o *zoom* ou *meet*, para a experimentações textuais, ao escutarmos as gravações das nossas falas sobre diversos temas, para provocar a produção da escrita performativa acadêmica. E em segundo momento, transcrevemos trechos dos encontros. Para este procedimento, propus recortar as falas das participantes, buscando elaborar conceitualmente sobre os atravessamentos do pessoal e do político, ali compartilhados. Ao escutar as falas destas mulheres, que apresentei para você, fui atravessada por um rio de movimentos políticos, sociais e culturais. **É deixar de ser *insentão* de alguns momentos que é preciso sim, dá uma descabelada, nós precisamos. Eu sei que a gente paga um preço muito alto pelas descabeladas que a gente dá, mas a gente precisa.**

ReAntropofagia: terceiro experimento.

As narrativas de si pulsaram nos reflexos os meus desejos ancestrais de vingança. **Jauára Ichê**[22]. Nossas vozes atravessaram telas: cicatriz, alerta, escuta, aviso, corpo, vozes, tempo e registros de movimentos que demarcaram outras peles. **Jauára Ichê**. As narrativas de

[20] 1969

[21] Conceito criado pelo Laboratório das Monstras, com a participação de Bárbara Paul, Daniela Mara, Eliza Pratavieira e Luiza Kons.

[22] Trecho do "célebre diálogo de Hans Staden com o principal Cunhambebe." Na ocasião, ao ser questionado do consumo de carne humana, Cunhambebe responde: "Jauára Ichê. Sou um jaguar." (VIVEIROS, 2002, p. 255).

si adentram no verbo, queimam a terra na agressividade do gesto ou ardem na carne, como silêncios. Movimentos em fluxos pela dança dos olhares que seguiram pequenos movimentos, até aqui. Movimentos lavados pela memória, lavados pelo sentimento comum a nós. Movimentos lavados pela memória Movimentos que partilham dos conflitos, para sermos outras nas vozes que ecoam além de nós. Movimentos em diálogos das investigações individuais, nas narrativas e ausências de si. Através desse exercício de alteridade, que consiste em devorar as nossas falas. Adentrei no processo da ReAntropofágico[23], que segundo Denilson Baniwa[24], reaglutina o movimento antropofágico através das referências e técnicas brancas na arte. Uma busca retomar para si, o que modernista sonharam para as artes na virada do século passado. **Tupi or not Tupi, it is the question[25].** Ao compartilhar nossos interesses nas pesquisas acadêmicas e artísticas, percebi a potência da retroalimentação dos olhares coletivos para as cosmovisões ancestrais, das quais, acredito por meio do coletivo, que despertam outras leituras de mundos. Trocamos referências, nos aproximamos de eixos de interesses por curiosidade, para provocamos nosso imaginário outras percepções da mesma realidade. Por exemplo, através da experiência na educação somática, a **Eliza Pratavieira** voltou se ao corpo, para vivenciar sua materialidade antropofágica. Vamos fazer uma pausa e sentir este movimento ReAntropofágico no corpo? Levante, escute o silêncio. Respire fundo... Inspire e, expire:

Tupi or not Tupi? It is the question.

Como um pulso que retroalimenta, ativando o contato da boca ao ânus.

Experimente!

Agora deite no chão e imagine uma linha

Essa linha desenha um círculo da sua boca, passando pelo sistema digestivo, chegando aos anus, saindo pelo sexo e entrando no seu umbigo.

Sinta sua coluna e as duas extremidades,

Observe o movimento que desenha essa linha.

Observe sua boca,

Observe seu ânus.

---

[23] Obra do artista Denilson Baniwa que nomeou um movimento de retomada nas artes plásticas sobre a arte indígena contemporânea

[24] BANIWA apud DINATO, 2019.

[25] Tupi or not Tupi, it's the question. Referência a clássica frase modernista brasileira de Pindorama, do escritor Oswald de Andrade, 1928.

Observe como a atenção modifica e devora seu corpo.

Sinta esse movimento.

Repita quantas vezes achar necessário.

Levante-se e, continue a leitura.

A escrita do corpo como um processo sensorial, pode refletir situações cotidianas, diante de estados paralisantes do mundo, ao compartilhar e devorar experiências, **tipo cadeiras e a própria escola. Pra mim é muito complicado dançar na escola. Sempre vem alguém querendo parar aquilo. A escola é um lugar da contenção. O que a gente *ta* fazendo com esses corpos? O que é colocar uma criança para sentar toda hora? A gente vira adulto e aprende a ficar preso, sentado. Como esses espaços nos espremem.** Escrever com o corpo e no corpo, pode ampliar nossa percepção e o diálogo com ‘Escrever com o corpo e no corpo’ nossas vivências culturais, como uma inscrição no tempo em seu contexto social e econômico. Podemos observar outras formas de manutenção de uma sabedoria corporal em diversas culturas, e principalmente nas culturas que sofreram genocídios e apagamentos sociais, pois é no corpo que reexistem a memória das suas histórias. **É oprimida para caralho e o quanto a gente come esse opressor. Nos movimentos, né?! Tá dentro, é tipo um vírus correndo no sangue. E o quanto as próprias estruturas, do que foi instituído como uma dissidência, o quanto ela também é estruturada em lugares que reafirmam certas coisas, sei lá, fiquei pensando.** A antropofagia, ou reafirmando outros espaços em nossos imaginários, observamos na ReAntropofagia[26], a ocupação dos espaços ocidentalizados pela presença indígena, ou também a tentativa da tradução desse desejo em descolonizar subjetividades. Devorar nossas percepções cotidianas da construção dessa sociedade, como um processo de retomada de outros saberes, da reconstrução simbólica de novos imaginários. Descolonizar nossos sentidos e inconscientes. **Jauára Ichê**.
Descolonizar nossos sentidos e inconscientes.

Vozes mulheres: quarto experimento.
Vozes mulheres: quarto experimento.

A partir do contato inicial com o movimento da ReAntropofagia, as elaborações a seguir buscam conceitualizar a nossa vivência, que compartilha da esfera cotidiana

[26] DINATO, D., 2019. ReAntropofagia é o nome da obra de arte do artista Denilson Baniwa que “antropofagiza a Antropofagia modernista ao fazer uso das referências e técnicas ‘brancas’” (DINATO, 2019, p.278), e também nome da exposição que aconteceu no Centro de Artes da UFF em 2019

proposições de criações nessa escrita. **Essa coisa das elaborações, da própria escrita e ir se colocando como uma autoridade de certas coisas, o quanto isso a gente não encontrou uma solução. E assumir as coisas é meio bélico, algo de bélico nisso. A postura assertiva, a construção do gênero, a gente não vai aprendendo a falar. É fálico, essas coisas da própria escrita.** Ao buscar sutis aproximações teóricas com o procedimento da *escritatória*, encontro com o conceito da *oralitura*, investigado pela pesquisadora e professora Leda Maria Martins[27] , o qual remete as práticas que consiste na relação dos conhecimentos transmitidos pela oralidade de uma cultura, grafados do corpo, no gesto e da voz como traços da coletividade de um povo. Observo essas aproximações com o ato de registrar nas conversas informais, a experimentação deste procedimento de escrita performativa acadêmica. A escritatória pode provocar a escuta ativa no coletivo. Ao escutar e presentificar novamente uma roda de conversa, pelo recurso da gravação das *videoconferências*, observar um modo de agir, conviver, e rasurar o texto a construção do imaginário colonial e social que comungamos. Esses registros da memória no corpo provocam um novo *modus operandi* de fomentar conhecimento, buscando a diferenciação da hierarquização epistemológica dos saberes que privilegia um *modus operandi* racional.

A nossa história ocidental, ao hierarquizar o conhecimento cientifico, disseminou o que vivenciamos da herança colonial nas formas de aprendizagem. A narrativa ocidental perpetua a conservação de poderes nas confabulações de imaginários coloniais que apagam histórias, tecnologias, conhecimentos e memórias de povos. De tal forma que “a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem de aprender e figurar o real, deixando a margem”[28] não floresceram na diversidade dos saberes em nosso imaginário coletivo. Estas manifestações culturais transmitem o conhecimento ancestral, reexistindo nas histórias, canções e danças, seu corpo-memória, ou seja, práticas de resistências que sobreviveram ao massacre da história ocidental. **Às vezes as pessoas falam uma besteira porque não domina aquele discurso, porque aí vira uma coisa né, uma coisa de dominação... porque se a pessoa não domina o discurso, mas na prática... ela ajuda a outra também, eu entendo que o discurso pode gerar muitos danos, não é isso... não estou dizendo que não, mas as vezes a pessoa tem o domínio daquela fala, que a gente vai pegando várias falas né. A pessoa vai aprendendo a falar várias coisas, mas aí na prática... ela faz tudo ao contrário. Mas**

[27] 2003
[28] MARTINS, L., 2003, p. 64

aí ela tem o discurso e aí... eu não sei... eu fico muito assim... não sei se estou generalizando também... As práticas performáticas investigadas por Leda Martins[29] são manifestações artísticas e ritualísticas salvaguarda a séculos de memória, nesse conhecimento do corpo, da voz e da **fé que canta e dança**[30], entre os cruzo culturais. Nesse sentido, ao praticar essa fé que canta e dança aproximação construímos pontes de enunciados possíveis para analisar os atos de fala, as performances do cotidiano, na prática da escritatória.

A coisa da treta é a dificuldade do não. A gente é educada para o gênero, criada a servir, a falar sim, esse sim compulsório. A ação da escuta, provoca nossas percepções de algo comum ao grupo. Na tentativa de escutar a vazão desse inconsciente coletivo das pessoas nesta escrita, se inscreve através de uma roda de afetações. Essas afetações, no contexto da pandemia da covid-19, modifica as telas quadradas em sentido circulares do nosso encontro. Como experienciar o atrito das forças seja na agressividade do gesto ou o peso do silêncio na carne que dança? **A própria autoridade. Eu acho pelo menos, né..., mas eu entendo, eu entendo quando você fala esse lance, não sei se foi isso que você quis dizer...** Os movimentos circulares estão presente em todo o espaço: no corpo, cosmo, memórias, organização espaciais, metáforas, respiração, participação coletiva, espaço de jogo. Os movimentos circulares podem retomar no corpo processos simbólicos na ancestralidade, como se a memória que retorna ao centro se expandisse para as extremidades, nessa gira de pensamentos, reiterando um lugar ou a falta deste.

Consciência de classe também é ação. Perfeito! Consciência de classe também é ação. As narrativas que deslizam nas palavras do corpo docentes das artes das escolas públicas, são escutas das realidades plurais. Estes pensamentos grafados neste texto, são possíveis de deslizes em nossas práticas artístico pedagógicas em espaços plurais? Estas imagens acentuam a ambiguidade do registro, como as reverberações Estas imagens acentuam a ambiguidade do registro, dos encontros experienciados por nós. Estou entre uma delas e me vejo nas risadas, desabafos, escutas, escritas e conflitos nesta investigação performática do texto. Compartilho dessas *vozes mulheres*[31], com a forma na palavra/ação deste registro,

---

[29] 2003

[30] Nome da festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia em Ouro Preto, com a presença das guardas de Congo e Moçambique.

[31] *Vozes mulheres* é nome do poema da Conceição do Evaristo que ao ser investigada como essa voz que reflete nossos antepassados, nossa memória, pode nos elucidar ao ouvir as nossas vozes como um eco no tempo: *"Vozes Mulheres: A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. / Ecoou lamentos de uma infância perdida. / A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. / A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias / debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela. / A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas*

buscando estremecer algum imaginário poético através da vazão do inconsciente durante essa conversa. algum imaginário poético As costuras dos fragmentos textuais nesta escritatória aconteceu em dois encontros, o uso das cores corresponde as falas de cada pessoa, evidenciados no início da escrita em cada nome, respectivamente. Nesse diálogo escuto estruturas consolidadas de poderes da sociedade patriarcal e cultura hegemônica em constante tentativa de salvação de si, um reflexo da imagem em atrito constante: discurso e ação, corpo e mente. **Corpo dissidente, a palavra/ação torna-se uma navalha e corta por dentro os que a retém.** Entre as atuais instituições que nos cercam, o gesto de dançar em espaços geridos para o controle do corpo, como na experiência provoca a **investigação das estruturas de contenção. Virar no jiraya, improviso na escola.** Essa experiência em dançar no espaço provoca a potência do corpo em ação, ao friccionar no público rupturas no cotidiano, nesse caso, no espaço escolar.

E elaborando as práticas na margem, fortalecem o exercício político de transformações. Transformar-se nas **histórias que se amarram, a tela vira teia, e para nutri-la nos alimentamos de nossas histórias, e de outras aranhas: nossas referências. Grandes tarântulas. Algum dia seremos enormes aranhas peludas?** Portanto, podemos escutar nessas histórias e percepções compartilhamentos de olhares políticos e sociais, agregando a memória de cada mulher nessa costura de sentidos, nessas narrativas sobre si. **O Arreda homem que aí vem mulher, arreda homem que aí vem mulher! Ela é a pombogira, Rainha do Cabaré! Arreda!**[32] Arreda teu corpo, abre espaço entre suas vertebras, escute esta música disponível no qr code e dança mais uma vez comigo? Quais são as demarcações sociais do teu corpo que te dança? Levanta! Alongue um pouco teu corpo e lembre-se de respirar:

Traga expansão para seu corpo.

Levanta-se, sente sua coluna, seu corpo.

O que te coloca em movimento?

---

de sangue e fome. / A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes/ recolhe em si as vozes mudas caladas/ engasgadas nas gargantas. / A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. / O ontem – o hoje – o agora. / Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância / O eco da vida-liberdade.

[32] Ponto para Pombogira, cantado em terreiros de umbanda.

Se achar necessário pode voltar e ler novamente, retirar alguns trechos, buscar criar imagens que te aproximem de alguma fala... Qual o movimento te lembra?

Qual o gesto?

Qual o texto?

Qual imagem?

Pense... Levanta e salte...

De giros, piruetas, caminhadas, dance ao som da música.

Só dance!

Esqueça tudo e dance!

Quando finalizar sua dança, volte para a leitura deste texto, por favor.

Podemos afirmar que a costuras das **vozes mulheres** atravessa processos subjetivos em sua construção histórico e **vozes mulheres** social. Em alguns encontros escutei sobre outras ancestralidades, as memórias que descendem dos canaviais, dos alemães ou de situações que privilegiam o embranquecimento da população. Através dessas percepções intuo uma possibilidade de análise dos discursos por camadas sensíveis da subjetividade, dessa absorção do mundo e como apreendemos nossas ações.

Suely Rolnik irá nos questionar sobre as camadas que atuam na subjetividade, como uma trama complexas das dimensões do sujeito, entrelaçadas em formas e forças[33]. Segundo Rolnik[34] as nossas experiências de subjetivação são as formas que nos relacionamos com o mundo, mundo este, que desde a ascensão do sistema capitalista se reorganiza em aprisionar a nossa potência criativa, afim de nos colocar em um caminho exploratório, enfraquecendo nossa vitalidade e nossa criação. Para a Rolnik, a partir dos estudos de Deleuze e Guattari, nosso inconsciente absorve essa modulação de regimes e formas para compreender a realidade, tal qual ela se afirma. Nesse sentido, as tramas de aprisionamento se renovam diante seu contexto histórico. Se no início da revolução industrial, o sistema capitalista atuava no comportamento fordista as condições escravagistas do trabalho, atualmente o mesmo sistema capturaram elementos em nossos imaginários, formando realidades e ações desejantes

[33] ROLNIK, S., 2018, p.50
[34] 2018

e de consumos para sua própria manutenção sistemática. Ou seja, o que respondemos é predeterminado ao que recebemos. Nossos desejos foram moldados pela herança cartesiana que disseminou nas "origens da subjetividade burguesa baseada no autocontrole"[35], como também o afastamento das inteligências do corpo. Portanto, caminhamos para a percepção de uma lógica que nos acompanham nessas similaridades que atravessam as questões sociais, nos processos coletivos que atuam no "inconsciente colonial-capitalísco"[36]. As tramas de atuação neoliberais agem regulando modos de existência e capturando nossas singularidades, na extração da potência de vida.

Dessa forma, ao perfurar o cotidiano com reflexões sobre política e a vida, podemos provocar outras percepções para os sintomas desta sociedade. Considero que essa experiência proporcionou procedimentos para estratégias de escritas, na tentativa de vivenciar costuras de outras vozes no corpo deste texto. Este procedimento de escutar e costurar as falas das participantes do Laboratório das Monstras, desencadeou contradições de escrita. Dessa forma busquei na orientação de possíveis movimentos, provocar danças, na tentativa de subverter este espaço de contenções, que também pode ser a escrita. Devorar os fragmentos das conversas, na tentativa de tecer pensamentos coletivos para quem sabe, ritualizar possibilidades deste passado-presente. Dançar assim, uma possível ReAntropofagia de procedimentos para a escrita performativa e sua potência nos coletivos. Experimente!

Referências Bibliográficas

DINATO, D. ReAntropofagia: a retomada territorial da arte. MODOS. **Revista de História da Arte.** Campinas, v. 3, n. 3, p.276-284, set. 2019. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/ mod/article/view/4224>. DOI: https://doi.org/10.24978/mod.v3i3.4224

HANISCH, Carol. **O pessoal é político.** Disponível em: http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PersonalIsPol.pdf Acesso em: 06 de mai. de 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017.

[35] FEDERICI, S., 2017, p.271
[36] ROLNIK, S., 2018, p.32

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1230 Acesso em: 14 de mai. de 2022.

MARTINS, LEDA. Performances da oralitura. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria**. – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. n.26 jun. de 2003.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. N-1 edições, 2018.